

Que linguagem é essa?

Roberto Paes de Carvalho Ramos (PhD em Linguística)

Primeira constatação óbvia já na introdução deste brevíssimo texto: no ensino digital, sob a metodologia de autoaprendizagem, o momento da produção do conteúdo é distinto do momento da recepção. Em outras palavras, muito diferente do que ocorre na interação entre professor e aluno na sala presencial, o conteúdo que será escrito por você não terá sincronidade: o contexto, os gestos, a entonação, o estilo, o olhar etc. não farão parte dessa comunicação. E aí está o grande desafio!

Já sabemos que não será possível carregar você junto com seu texto. Seus exemplos, suas piadas, suas metáforas, suas provocações precisam ser transportadas para o conteúdo escrito, do mesmo jeito que você faz em sala de aula quando está lecionando. Se você quiser ver como isso ocorre, escreva um pequeno texto sobre determinado tema. Depois, grave a si mesmo falando sobre esse mesmo tema. Você verá a diferença gritante que há entre as duas formas de abordagem do mesmo conteúdo.

Uma das maiores dificuldades para nós, professores, quando vamos elaborar um material didático, é entender que não estamos redigindo capítulos de livros, monografias, dissertações ou artigos científicos. Isso acontece, porque, normalmente, escrevemos para colegas e, raramente, para alunos. Fomos habituados, ao longo da carreira acadêmica, a escrever para colegas pesquisadores, em formatos específicos, com linguagem típica, considerando como pressuposto um conhecimento prévio que, supostamente, é compartilhado pelo leitor.

Em resumo:

- a) A comunicação será assíncrona.
- b) Você não vem junto com seu texto.
- c) O conteúdo será escrito para alunos.



Estes três fatores geram a grande mudança: seu texto deverá ser dialógico. Antes de falar desse conceito, você reparou que este meu texto carrega perguntas que consideram o leitor como alguém que irá respondê-las? Percebeu, ainda, que uso “você” sempre que me refiro ao leitor? Observou que explico novamente o que acabei de escrever (“em outras palavras”, “ou seja” etc.)? Viu como é fácil? Já estou trazendo – e praticando – o conceito de “dialogia”.

Sem entrar no mérito técnico, a dialogia implica trazer a ilusão de haver no texto um diálogo entre autor e leitor. Para isso, devemos considerar dois movimentos:

1. A forma de abordar o conteúdo.
2. O emprego de técnicas de escrita.

Vamos a cada um deles.

Quanto à forma de abordar o conteúdo, o primeiro aspecto é a aproximação à realidade e ao nível de conhecimento do aluno. Isso ocorre na construção do texto, quando trazemos o contexto imediato (senso comum, por exemplo) para antecipar o conceito que abordaremos. O segundo aspecto é usar e abusar de retomadas, de paráfrases explicativas com vocabulário menos rebuscado, para garantir que determinado conceito, muitas vezes hermético, possa ser “digerido” pelo leitor.

Finalmente, ainda em relação à forma, é necessário garantir que, a cada conceito, seu texto traga exemplos práticos, casos concretos, aplicações à realidade, comparações, desdobramentos, relação causa-consequência. Desse modo, teremos dialogia quando nosso texto “dialogar” com a realidade do aluno, com sua memória e sua vivência pessoal.



Quanto à técnica de escrita, o tom do texto deve ser intimista, algo como uma reprodução de uma aula particular: um para um. Para essa intimidade (por consequência, dialogia) aparecer no texto, precisamos considerar a forma de tratamento. No caso de uma conversa, falamos diretamente a um interlocutor. Em seu texto, deve acontecer o mesmo. Assim, usamos pronomes como “você” e “nós”, e evitamos formas de tratamento que distanciam o leitor do autor (“caro aluno”, “caro leitor”, “seu/sua”, “eles”, “alguém” etc.).

Outra forma muito eficaz de simular diálogo é usar perguntas retóricas, reflexivas ou provocadoras, como usei algumas vezes ao longo deste texto. Essa técnica impele o leitor a uma atitude responsiva, ou seja, provoca a vontade de responder, de concordar ou repudiar. Tal dinâmica gera engajamento e prende o leitor ao texto.

Além do tom, também há características estruturais na redação. Devemos priorizar frases e parágrafos curtos, em ordem direta, evitando, assim, o uso excessivo de apostos, inversões, floreios, voz passiva.

Finalmente, se você chegou até aqui, fique tranquilo. É óbvio que, para muitos, será a primeira vez escrevendo um texto com essas características. Mas temos uma equipe de produção muito engajada na adequação da linguagem e do texto para o produto que queremos entregar a nossos alunos. Logo, você deve priorizar a forma de abordar o conteúdo, pois esta é a parte que um profissional de produção de texto não conseguirá fazer por você. Pense nisso!

